

## As “mulheres de barro” de Parauapebas-PA: biografia e epistemologia feminista

The “women of clay” from Parauapebas-PA: biography and feminist epistemology

373

Vera Lúcia Caixeta<sup>1</sup>  
Cleudineia Elias da Silva Pedrosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto trata das relações entre Ensino de História e a História das Mulheres a partir do contato dos alunos da educação básica com a Cooperativa Mulheres de Barro, na cidade de Parauapebas, no estado do Pará. Como fonte, utilizou-se as biografias elaboradas sobre a trajetória de vida das mulheres artesãs. Para a análise, recorre-se ao conceito de (Des)colonialidade do gênero como pensado pela intelectual feminista Maria Lugones (2008). Ela defende a construção de uma epistemologia feminista não “eurocentrada e não-dominante”, em diálogo com os saberes e fazeres das mulheres periféricas, não brancas que historicamente foram invisibilizadas e apagadas dos livros de história.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Epistemologia Feminista; Decolonialidade; Biografia de Mulheres.

**Abstract:** This text deals with the relationship between History Teaching and the History of Women from the contact of basic education students with the Cooperativa Mulheres de Barro, in the city of Parauapebas, in the state of Pará. elaborated biographies on the life trajectory of women artisans. For the analysis, we resort to the concept of (De)coloniality of gender as thought by the feminist intellectual Maria Lugones (2008). She defends the construction of a non-Eurocentric and non-dominant feminist epistemology, in dialogue with the knowledge and practices of peripheral, non-white women who have historically been made invisible and erased from the history books.

**Keywords:** Teaching History; Feminist Epistemology; Decoloniality; Biography of Women;.

<sup>1</sup> Doutra em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora do Colegiado de História da UFT; Coordenadora do núcleo do ProfHistória da UFT. caixeta@uft.edu.br

<sup>2</sup> Mestrado em Ensino de História e professora da educação básica do Estado do Pará. E-mail cleudineiaelias@hotmail.com

Recebido em 01/02/2022  
Aprovado em 10/03/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



## Introdução

Hoje eu te falo que se eu tenho a minha voz áspera e forte, no meio que vivo sou vista como uma pessoa grossa [...] mas não quero mudar o que sou por ninguém, isso eu sei que foi uma das defesas que a vida me ensinou, foi um dos refúgios que eu criei para me defender, nessa trajetória, eu não me aproximava de homens negros. E depois de tudo que passei, conheci um homem negro e foi o grande amor da minha vida, foi uma coisa linda que me ensinou muita coisa. Eu consegui superar as barreiras, hoje eu amo a minha cor, brigo por essa diferença social, de cor e raça, já me junto à causa, [...], minha mãe já morreu e foi a pessoa que amei, não tenho sentimento de mágoa. (depoimento da artesã Maria do Socorro Carneiro, 2020)

374

Este artigo é fruto das pesquisas realizadas no município de Parauapebas no Pará e aborda uma temática sensível ao ofício do professor: a história de vida de algumas mulheres e a relação existente entre as narrativas com o processo de apreensão de um conhecimento histórico significativo para a vida dos discentes. Partiu-se da compreensão de que os conhecimentos históricos podem ser aprendidos fora do espaço escolar, em diálogo com outras espaços e pessoas, como a Cooperativa Centro Mulheres de Barro *locus* fundamental para a construção da identidade das mulheres artistas e para a aprendizagem crítica.

Esta pesquisa se justifica a partir da prática docente frente aos questionamentos dos estudantes sobre a viabilidade da aplicação do conhecimento histórico no presente. O desânimo, a apatia e o desinteresse em estudar a História é o que, geralmente, nós professores enfrentamos em sala de aula. Fonseca (2010) ao refletir sobre o ensino de História levantou alguns questionamentos: “O que estuda a História? Qual a importância e o papel da História para nossas vidas? Como a História é construída? Por que e para que ensinar e aprender a História? Para que serve a História?” (FONSECA, 2010, p. 44). A partir de Freire (1985), faz-se necessário refletir sobre a aprendizagem crítica para a compreensão e transformação da realidade social, isso não se faz sem uma aproximação dos conteúdos com as vivências dos educandos. A atualidade de Freire está em desafiar os(as) professores a mobilizar as experiências individuais e coletivas dos(as) discentes e colocá-las em diálogo com o saber formal a ser apreendido na escola.

Os sujeitos desta pesquisa são quatro mulheres artesãs que fundaram a cooperativa “Centro Mulheres de Barro”, em 2013, em Parauapebas-PA. Nesse espaço da cooperativa, as mulheres produzem objetos de cerâmica, garantem sua sobrevivência e identidade. Suas peças de cerâmica trazem as marcas dos vestígios encontrados na Floresta Nacional do Tapirapé-Aquiri. O trabalho dessas mulheres também resultou numa valorização da arte e do espaço da cooperativa, que contribui com a comunidade escolar de Parauapebas.

A Cooperativa Mulheres de Barro fica localizada na parte central da cidade de Parauapebas, um espaço pequeno, porém encantador. Na parte da frente do prédio estão expostos objetos de cerâmica produzidos pelas artesãs, já na parte de trás localiza-se a olaria. Quando os estudantes chegam na cooperativa se deparam com os objetos, lá eles também escutam com atenção o significado de cada traçado nas cerâmicas e as histórias das mulheres artesãs.

A Cooperativa “Mulheres de Barro” começou quando um grupo de homens e mulheres resolveram participar de oficinas ofertado pelo Programa de Educação Patrimonial para a Área de um projeto chamado Projeto Salobo<sup>3</sup>, uma região explorada pela mineradora Vale<sup>4</sup>. O programa educativo atendeu a exigência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) quanto à necessidade de desenvolver o trabalho de Educação Patrimonial com a população local e fazer a pesquisa arqueológica, conforme a Portaria Nº 230. Com duração de 6 anos, entre os anos de 2005 a 2011, o curso modular foi ofertado em alguns meses do ano. No início eram 45 estudantes matriculados, conforme os meses e anos se passavam, ao final, só restaram seis mulheres.

Após a conclusão do curso as seis mulheres artesãs fundaram a Cooperativa das Artesãs da Região de Carajás: Centro Mulheres de Barro, oficialmente isso só ocorreu no ano de 2013. Ao se organizarem em cooperativa, para a produção de objetos de cerâmica, as mulheres conseguiram compreender que seus afazeres vão além de esculpir a argila, elas moldam os contornos das suas próprias vidas, como pode ser visto a partir das entrevistas com as artesãs:<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Salobo é o segundo projeto de cobre desenvolvido pela Vale no Brasil. A mina está localizada em Marabá, sudeste paraense, e entrou em operação em novembro de 2012. O empreendimento tem capacidade nominal estimada de 100 mil toneladas anuais de cobre em concentrado. Com a expansão da operação, o Salobo II, a capacidade de produção do empreendimento será duplicada para 200 mil toneladas anuais do produto. (VALE, 2021)

<sup>4</sup> A Vale nasceu como uma empresa estatal em 1942 chamada de Companhia Vale do Rio Doce. Em 1996, durante o primeiro governo do presidente Fernando Henrique Cardoso ela foi privatizada e hoje ela é uma empresa privada que figura entre as maiores mineradoras do mundo. Também é a maior produtora de minério de ferro, pelotas e de níquel. A empresa também produz manganês, ferro liga, cobre, bauxita, potássio, caulim, alumina e alumínio.

<sup>5</sup> As entrevistas foram realizadas em plena Pandemia pela Covid-19, em decorrência desse fato os estudantes não puderam participar e todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora com horários previamente agendados e de forma individualizada.

Sandra dos Santos Silva, nascida em 1967 (53 anos), Admarilda Batista de Sousa, nascida em 1953 (67 anos), Maria do Socorro Assunção Teixeira, nascida em 1960 (60 anos) e Maria do Socorro de Souza Carneiro, nascida em 1968 (52 anos). Mulheres que vão transformando suas vidas por meio de seus saberes. Elas foram entrevistadas em 2020 e suas narrativas, transformadas em biografias.

Para a análise, utilizamos o conceito de (Des)colonialidade do gênero como pensado pela intelectual feminista argentina Maria Lugones (2008). Ela defende a construção de uma epistemologia feminista não “eurocentrada e não-dominante”. Compreende-se que a colonialidade é fruto do colonialismo, um processo que culminou no atual padrão de poder mundial, que não se resume numa relação de colonizador e colonizado. É de forma mais profunda a instituição de padrões de comportamento, por exemplo; é também “a codificação das diferenças” (QUIJANO, 2005).

O conceito de (Des)colonialidade impõe pensar sobre as rupturas epistêmicas e de mudanças paradigmáticas, pois seria uma “resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas do progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como a violência da colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p.13). Ademais, “(Des)colonialidade é um conceito cujo ponto de origem foi o Terceiro Mundo” (MIGNOLO, 2017, p.14).

Para Quijano (2005) as relações de poder significaram em escala global a dominação sobre “as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade” (QUIJANO, 2005, p. 111). Lugones (2014) contestou a concepção biológica dos sexos presente na definição do Quijano e elaborou o conceito de colonialidade do gênero:

Desse ponto de vista, pessoas colonizadas tornaram-se machos e fêmeas. Machos tornaram-se não-humanos-por-não-homens, e fêmeas colonizadas tornaram-se não-humanas por não-mulheres. Conseqüentemente, fêmeas colonizadas nunca foram compreendidas como em falta por não serem como-homens, tendo sido convertidas em viragos (LUGONES, 2014, p. 937).

Pensar (Des) colonialmente é expandir o olhar sobre a realidade, “conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender” (MIGNOLO, 2008, p. 04). Pela perspectiva de(s)colonial é possível perceber que ouvir as vozes das mulheres é muito mais que ouvir a narração de suas histórias, transforma-se na luta para a afirmação do direito de existir, pois para Lugones (2014), a colonialidade do gênero, que marca a modernidade colonial, está assentada na hierarquia dicotômica entre humanos e não humanos. Assim, sob o

quadro conceitual do gênero imposto, os europeus brancos burgueses eram civilizados, só eles eram plenamente humanos (LUGONES, 2008, p.935). A luta das mulheres é também uma luta pelo reconhecimento da sua humanidade, Freire (1998) chama de “restauração de suas humanidades” ele defende que o oprimido só inicia o processo contra o opressor quando àquele se perceber humano, somente quando ele(a) restaura sua humanidade é que se reconhece sendo oprimido libertando-se da opressão.

## 1.2 BIOGRAFIAS: “MULHERES DE BARRO”

Como ressalta Lugones (2008) tratar da colonialidade do gênero implica traçar trajetórias de seres que resistem à colonialidade. Daí a necessidade de ressaltar a potencialidade que as comunidades/dos/das oprimidos/as têm, entre si, de construir significados que recusam os estereótipos já previamente dados pela organização social estruturados pelo poder. Assim, é possível quebrar os paradigmas das epistemologias dominantes e romper com a invisibilidade das mulheres e dos seus saberes.

A utilização das biografias como ferramenta metodológica pauta-se na reflexão de que este gênero pode ser um instrumento adequado para evidenciar as vivências femininas. Perrot (2001) acentua que as mulheres se constituem numa espécie de “guardiãs das memórias” já que por muito tempo foram excluídas de ter acesso à leitura. Tedeschi (2006) complementa:

Durante muito tempo, foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita. Isso assegurou a instalação do poder, da lei, do imaginário social na História (com H maiúsculo), e também trouxe como consequência a legitimação de uma minoria social, que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando às mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever. O patriarcado teve, como uma de suas funções na história, a construção e a reprodução de uma memória implacável, imóvel, endurecida e controladora do poder epistêmico. (TEDESCHI, 2006, p. 155)

Cerceadas do acesso ao conhecimento formal, as mulheres foram criando uma espécie de resistência coletiva, guardando fotografias, objetos que remetem às memórias da família. A memória é, portanto, uma grande aliada da história das mulheres. Rago (2018) afirma que quando a mulher é ouvida ela quebra paradigmas dominados pelo masculino: “uma maneira de instalar-se num espaço próprio, construindo uma casa, um abrigo seguro e uma identidade, protegendo-se e fortalecendo-se, no presente, graças às recordações do passado”. (RAGO, 2018, p. 210)

Para Rago (2018) as biografias das mulheres já foram consideradas histórias de “segunda categoria” principalmente nos anos iniciais do século XX, pois ao retratarem o cotidiano e a vida privada deixava de lado as estruturas econômicas e sociais, vistas como mais “importantes”. Mesmo assim, as biografias permaneceram e hoje se constitui um importante aporte metodológico. Mas, é importante não esquecer que o gênero biográfico enraizou com as marcas de uma sociedade patriarcal. Uma abordagem biográfica da experiência feminina constitui-se numa pluralidade de possibilidades pra se compreender não apenas as relações de gênero, mas também as experiências das relações humanas dentro de ambientes públicos ou privados. Rago (2018) complementa:

Romper a homogeneidade dessa categoria abstrata em nossa análise, não é somente reconhecer o direito de as mulheres de todos os tempos se realizarem enquanto seres autônomos. É, igualmente uma condição indispensável para refletir sobre as mulheres, enquanto grupo susceptível de se constituir em sujeito coletivo de sua própria liberação, buscando participar da humanidade de acordo com seus próprios termos. (RAGO, 2018, p.16)

Rago (2018) reitera que é necessário ecoar novas vozes na biografia, quebrando a ideia de que a história local ou cotidiana, a vida das pessoas simples do lugar, teria menos importância que a biografia dos “grandes heróis”. Nesse sentido, os estudos de grupos esquecidos, invisibilizados, periféricos são fundamentais para revelar os “rastros” da presença das mulheres na sociedade e na História.

Akotirene (2018) afirma a necessidade de novas abordagens epistemológicas para romper com os padrões eurocentrados de estudos sobre mulheres:

Acreditamos que a política sexual sob o patriarcado é tão onipresente nas vidas das mulheres negras, quanto às políticas de classe e raça. Também achamos, muitas vezes, difícil separar opressões de raça, classe e sexo porque, nas nossas vidas, elas são quase sempre experimentadas simultaneamente. (AKOTIRENE, 2018, p. 18-19)

No Brasil, os “rastros” de uma sociedade patriarcal podem ser facilmente encontrados em todos os espaços de convivência. Da moldagem da nossa estrutura social o que se tem como herança é a negação de direitos, a submissão e a violência contra todas as minorias, entre eles, as mulheres. Heranças malditas enraizadas nas diversas instituições sociais, acrescidas do racismo estrutural que desnaturaliza o empobrecimento das mulheres, a misoginia, a exclusão social das mulheres não brancas e a invisibilidade histórica. São permanências que causam sangria, dor e sofrimento, mas também lutas e resistência de uma parte da humanidade que não

está pacificada com o seu passado, porque historicamente excluída e invisibilizada. Quebrar as barreiras da invisibilidade e da subalternidade não é tarefa fácil, nem definitiva. É preciso “pensar sobre interações íntimas e cotidianas que resistem à colonialidade”, como sublinha Lugones (2008 p.936). É preciso conhecer as trajetórias das vidas femininas, das lutas, dos seus saberes e das suas estratégias de resistências à colonialidade, ao patriarcado, ao empobrecimento e a desumanização!

Lugones (2008) afirma que o racismo, a heterossexualidade, o colonialismo e o classicismo não se tratam de categorias analíticas, mas de realidades vividas!

### Admarilda Batista de Sousa

*Nasci num povoado por nome Redenção no Maranhão, hoje já é uma cidade por nome Matarroma, fiquei lá até 9 anos por lá, depois mudamos para o Piauí, moramos lá um tempo, depois voltamos para o Maranhão, aí passamos mais uns 15 anos lá, depois casei, passei 6 anos trabalhando num cartório de registro civil, quando casei eu já trabalhava, de dois em dois anos eu era cedida para o cartório eleitoral. Depois de casada por 6 anos, meu marido veio trabalhar na barragem de Tucuruí no Pará. Ele ficava indo e voltando pra Tucuruí, aí decidimos vim todos para Tucuruí, tive 6 filhos e mais um adotivo, e hoje crio minha neta.*

*Eu estudei até a segunda série em casa com minha mãe, por que ela já tinha estudado até a quarta, então ela nos ensinava o que sabia em casa, eu sou da época da palmatoria, que pegava os bolinhos nas mãos pra aprender mais rápido. Com 13 anos fui morar em Chapadinha-Ma, para poder a estudar e fui fazer o 3ª série. Lá fiz um teste com a escrita umas contas pra poder começar a estudar lá na escola.*

*Eu consegui conclui o ensino médio, fiz o magistério, quando terminei o magistério foi quando casei, depois ainda fiz dois anos de contabilidade. Aí viemos embora para o Pará. No começo dos meus estudos, foi muito difícil, por que morei na casa de família, na casa de meu avô. Foi muito difícil, por que ele era muito bravo, meu avô brigava muito com meu irmão menor de 7 anos. Aí falei pra o meus pais, que se ele nos viesse pra cidade eu iria parar de estudar, por que não queria morar mais nas casas alheias. Eu sou a mais velha de 12 irmãos.*

*Quando comecei a trabalhar no cartório, eu estava no meu 1º ano do magistério, sou evangélica desde quando nasci, então o dono do cartório, era também da minha Igreja, aí eu pedi pra trabalhar lá, depois ele me chamou pra trabalhar lá no cartório, no início só*

*trabalhava pela manhã, por que pela estudava, o papai ainda era daquela época que mulher não poderia tá saindo anoite ainda mais que eu era evangélica só era pra Igreja e pronto. Aí com muita luta que meu pai era muito maleável, minha mãe era mais rígida, aí um dia disse pra ele\_\_ papai vou ficar a vida inteira sem trabalhar por que não posso estudar anoite? Eu já tinha uns 19 a 20 anos, aí ele cedeu né, aí passei estudar anoite e trabalhar de dia. Eu era corajosa, a minha mãe me dizia que eu era malcriada, eu disse não mãe, por que foi a senhora que me criou.*

*Então eu sou do primeiro grupo, das mulheres que começou a fazer o curso. Comecei a trabalhar com cerâmica, por que eu sonhava ter uma panela de barro, mas ainda depois de 15 anos não consegui fazer minha panela de barro.*

*A gente trabalha com um tipo de matéria que a gente se identifica, a gente sai de casa, ver pessoas diferentes. Eu me sinto tão bem, pra mim é mais do que um hobby. Quando a gente oferta o curso de Educação Patrimonial aí depois encontra as alunas que já fizemos cursos, aí pessoas que já tem problemas das mentes fazem o curso é uma terapia, aí depois a gente ver aquelas pessoas dizerem que ficaram boas que são outras pessoas, isso é muito gratificante, é uma realização, então me sinto muito grato por ter encontrado uma pessoa por fazer parte de um empreendimento desse aqui.*

*É muito importante o financeiro, eu me sinto gratificada pelo o que eu já fiz pelas pessoas, por que aqui não é uma casa do social, tem um significado muito importante essa casa, por que depois que nós passamos por tudo, com um potinho de barro, sem saber pra onde a gente ia trabalhar naquele dia, por que um dia estávamos na casa da cultura, outro dia estávamos na casa da Sandra, então a gente não tinha local, então hoje, a gente se sente realizada por que agora nós somos uma referência.*

### **Sandra dos Santos Silva**

*Eu nasci no Piauí, em Teresina, em 1967, 24 de agosto, dia do artista. Meu pai trabalhou nas grandes construções das hidrelétricas, ele trabalhou na hidrelétrica de Boa Esperança, que eu não sei nem qual é o estado, só vi umas fotos antigas que ele tinha, não tem mais, e viemos. Meu pai veio foi recrutado, a gente morava em São Luís, quando ele veio recrutado para a abertura da Belém-Brasília, e nessa vinda dele, minha mãe ficou lá no Maranhão, lá em São Luís, e como ela não era alfabetizada, trabalhava de doméstica, de*



*diarista, eu lembro que a gente ficava trancados nesse lugar, porque ela não tinha com quem deixar os filhos, e ia para o trabalho, nessa época nós éramos 3 irmãos, nós somos 10, e ele veio para o Pará*

*Minha mãe sempre foi uma referência, ela era mais forte que eu tenho de força da família, aí viemos para Pará, fomos pra Belém, em a gente veio de barco, não minto, isso é outra história, viemos pro Pará. E quando a gente chegou em um lugar onde a gente ia ,viajando de pau de arara, de ônibus, até chegar lá nesse lugar, eu lembro que no dia que nós chegamos era em Cachoeira, no Pará-Maranhão, pertinho de Gurupi ,onde divide o Pará com o Maranhão, era lá que eles estavam acampados pra fazer a estrada né, a abertura da Belém-Brasília que era emendar o Pará para o mundo né, com o Maranhão, e esses outros lugares, e eu lembro do meu pai “chegou motora” na chuva, o saco de panela, eu lembro porque meu pai tirou o saco de panela do bagageiro de lá de dentro do carro que nós foi e colocou lá no meio da chuva, e me pegou me colocou sentada em cima do saco, enquanto ia lá buscar os outros dois e minha mãe, e aí fomos, amanhecemos num lugar diferente, era num sítio onde o brinquedo das crianças, o velocípede das crianças brincar, era um jabuti gigante , que carregava até um homem em cima. Até a comida era diferente, lembro que a gente não sabia comer peixe, no Pará se come né, bota o peixe na boca, a espinha vai saindo assim e o nosso prato ficava cheio de bolinha de carne de peixe, chupava com espinho e tudo e deixava aquele monte e um monte de coisa diferente, a gente nunca tinha visto índio, lá tinha alguns indígenas que moravam nesse lugar*

*Acho que eu tinha uns 6 anos, de 6 pra 7 anos. Eu estudei muito tempo numa escolinha de fundo de quintal, aquelas que antigamente tinha alfabetização. ‘Dezarnava’ primeiro nessas escolinhas, meu sonho era ir pra escola grande, eu passava pela escola grande, e fala “mãe, quando é que eu vou pra escola grande?” uma vez ou outra quando a gente ia em algum lugar. Eu fui alfabetizada já grande, foi assim eu não tive uma infância na escola.*

*Eu sempre tive uma consciência do meu papel de mulher, por que tive um privilégio de nascer na família onde nosso país era uma pessoa maravilhosa, \_ meu pai não tinha esse negócio de minha filha não vai estudar por que era mulher. Quando eu casei, meu marido falou com um jeitinho dizendo que queria que eu não trabalhasse, \_\_por que? -Ele respondeu: há porque não queria que você trabalhasse. Mas eu sempre fui “da hora” muito argumentativa.*

*Minha mãe falava uma coisa, minha mãe é das antigas, mas ela sempre falava que as filhas dela ia ser diferente dela. Quando terminei ensino médio, eu trabalhava na cozinha, fazendo comida com ela, cheguei em casa com diploma, ela disse:*

—De hoje em diante você não trabalha mais na cozinha! Você não se formou (ensino médio), pra ficar na cozinha, vá atrás de um emprego.

*Percebi que meu lugar não era na cozinha. Isso me deu outra dimensão, por que daí nunca gostei de lavar louças, mas sempre fiz, nunca gostei de cozinhar, mas cozinhei. Era só eu e ela e minha irmã, porque o restante todos eram pequenos. Dali já comecei a trabalhar com muita responsabilidade, às pessoas gostavam do meu trabalho, não queriam que eu saísse.*

### MARIA DO SOCORRO DE SOUZA CARNEIRO

*Quando chegamos do Piauí nós não tínhamos casa fomos morar numa casa que alagava, depois meu pai foi trabalhar como garimpeiro na Serra Pelada, aí quando ele veio conseguiu comprar um terreno, lá construímos nossa casa, meu pai sendo o pedreiro e eu e meu irmão ajudando também na construção, levando as latas de cimento. Nós éramos 12 irmãos. Quando nós chegamos, meus pais tinham a preocupação de nos colocar na escola, minha vida inteira foi na escola pública. Eu me lembro que meu país só colocava a gente com 7 anos, daí gostava muito de trabalhar, eu com 12-13 anos eu já comecei a trabalhar, fui trabalhar na padaria, acordava 5h para ir vender pão. Depois trabalhei em casa de família como doméstica, trabalhei numa distribuidora de gás, depois eu acho que tinha uns 14 anos, fui trabalhar num supermercado.*

*Eu estudava, mas na escola eu sempre era uma menina muito levada, emburrada, brigava na escola, eu não mexia com ninguém, mas não gostava que me chamava com apelidos. Eu hoje evito muito brigar, pra não machucar, hoje a gente tem outra cabeça. Eu consegui concluí meu ensino médio, fiz o magistério e fiz um concurso pra prefeitura de Marabá, e passei pra professora. Lá me deram muita oportunidade, participei de vários cursos, ganhei uma bolsa na Unicamp, aí eu ia lá pra São Paulo durante 5 anos, dormindo em escola pública, tomando banho em rodoviária, nos meses de janeiro e também julho.*

*Eu me lembro que lá em casa, dos meus 12 irmãos eu sou a única negra, meu pai é negro, mas minha mãe era uma mulher branca dos olhos azuis dessedente de portugueses.*

*Eu tenho uma lição de me envolver com a arte, porque a arte me transformou em saber que o que eu posso hoje, não é o que eu tenho, como mulher, como mãe, como negra e não é minha a cor que vai me levar a lugar nenhum, mas sim minhas ações.*

*Eu sou do interior de Cametá-PA, saí ainda crianças quando fui morar na capital, em Belém. Sou de uma família de 8 irmãos. Minha infância foi na cidade, minha mãe morava no interior, mas eu já fui pra Belém, lá eu estudei, já entrei na escola tarde, não entrei na idade certa não, não me lembro a data, só se eu olhar nos documentos. Fiz o técnico em contabilidade, eu não trabalhei na área não, quando terminei vim trabalhar como telefonista em Carajás-PA, naquele tempo os meios de comunicações eram muitos difíceis, a demanda era muito grande.*

*Em 1985, em vim ainda solteira, aí aqui me casei. Tive somente um filho, e continuei trabalhando, aí arei e me envolvi com artesanato, morei lá no núcleo vi o desenvolvimento do núcleo, o progresso. Eu sempre gostei de trabalhar com vendas, lá eu conheci uma mulher japonesa a Zumika, aí eu fiz aula com ela de artes plásticas e pintura em tecido. Eu sempre ganhei meu dinheirinho, eu até me arrependo por ter deixado de lado outras coisas, como fazer uma faculdade, me envolvo tanto com artesanato, aí você não faz outra coisa, se você não fizer um esforço. Mas eu gosto muito de artesanato.*

*Nós viajamos pra Belém várias vezes, pelo Sebrae, fiz vários cursos. Aí quando começou o curso de Educação Patrimonial, fiquei sabendo desse curso, resolvi fazer esse curso. Aí esse curso fez surgir as demandas, aí depois de lá nos fomos pra rua D, pra fazer as nossas oficinas, não tínhamos um lugar certo. Aí depois que viemos pra cá nesse espaço.*

*Essa cooperativa tem muita importância pra mim, por que foi muito esforço, no início, pessoas vinham de fora, jornalista vinham tirava fotos, mas aqui na cidade as pessoas não valorizavam, não foi fácil. Agora é um grande orgulho, a gente nunca pensou em chegar numa dimensão tão grande como essas. No começo do curso, tinha homens, mulheres, adolescentes no curso, aí foram saindo todos e ficaram somente 6 mulheres, aí a coordenadora falava\_ como vou explicar pra Vale, que de 45 pessoas só ficaram 6 alunos? Mais aí a Sandra disse olha, não pense que são 6 pessoas, mas são 6 multiplicadores.*

Freire (1985) afirma que o oprimido ao criticar a realidade opressora na qual vive supera a visão fatalista quebrando as barreiras que separam o oprimido do opressor: “O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e busca, de que os homens se sentem sujeitos” (FREIRE, 1998, p.85). Em outras palavras, as quatro artesãs ao problematizarem suas realidades e a insistência do não-conformismo de suas condições tomaram outros rumos nas

suas vidas. A luta pelo trabalho, a vontade de serem reconhecidas pelo que fazem as tornam mulheres que buscam se livrar da opressão, da violência, da lógica patriarcal que silencia seus saberes e suas trajetórias. A resistência em existir como “mulheres de barro”, aparece como estratégia numa luta pela autonomia e contra a desumanização. De certo, as mulheres artesãs representam tantas outras mulheres que lutam/resistem na região amazônica.

### Finalizando....

Glória Anzaldúa, intelectual feminista negra, norte-americana, já na década de 1980, escreveu uma carta para as mulheres do terceiro mundo, na qual ela sublinhou as necessidades delas enfrentarem as dificuldades e os perigos para tornarem-se escritoras. Sua carta tinha como destinatárias as mulheres não brancas pobres: mulher chicana, negra, índia, asiático-americana, lésbica, mãe solteira, etc, transitando entre o trabalho, a escola e lamentando a falta de tempo para tecer a escrita, mulheres arrastadas em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita (ANZALDÚA, 2000).

A abordagem teórica sobre as construções das identidades traz à tona os estudos sobre as categorias sociais do gênero entendendo-se que meninos e meninas são educados para cumprir papéis sociais em função do sexo biológico e do meio cultural e social em que nasceu e/ou cresceu. É uma categoria de análise relacionada aos particularismos patriarcais presentes nas relações culturais que influênciam na apropriação diferencial do tempo e do espaço dos sujeitos sociais. Pensar o gênero e a raça, para nós, significa romper com os privilégios historicamente naturalizados, além de ressaltar a escrita como ato político de resistência feminina. Na esteira de Anzaldúa vemos a escrita, mas também a arte como uma forma de expressão feminina, como as “Mulheres de Barro” da cooperativa de Parauapebas-PA.

Anzaldúa disse: “Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetizas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo” (ANZALDÚA, 2000). Atenção mulher, reserve um tempo para você se não conseguir escrever, pinte, borde, desenhe, dance, costure, leia, molde o barro e a própria vida! Vida de mulheres que desafiam cotidianamente o machismo, a misoginia da cultura patriarcal! Mas lá está a chama empunhada pelas ancestrais: “vocês são as profetizas com penas e tochas”, no dizer de Anzaldúa. É preciso valorizar o conhecimento “acerca de como viver no mundo” (HOOKS, 2013, p.27). Nesse sentido, a visita dos alunos a uma cooperativa de

mulheres artesãs da cidade apresentou-se como rica possibilidade de aprendizagem sobre a história das mulheres, sobre a história dos povos indígenas, sobre a história local e sobre como viver no mundo.

## FONTES

Entrevistada: ADMARILDA BATISTA DE SOUSA

Local: Parauapebas/Pa

Entrevistadora: Cleudineia Pedrosa

Data : 24/06/2020 às 10h

Entrevistada: SANDRA DOS SANTOS SILVA

Local: Parauapebas/Pa

Entrevistadora: Cleudineia Pedrosa

Data : 20/06/2020 às 09h

Entrevistada: MARIA DO SOCORRO DE SOUZA CARNEIRO

Local: Parauapebas/Pa

Entrevistadora: Cleudineia Pedrosa

Data : 21/06/2020 às 10h

Entrevistada: MARIA DO SOCORRO ASSUNÇÃO TEIXEIRA

Local: Parauapebas/Pa

Entrevistadora: Cleudineia Pedrosa

Data : 02/07/2020 às 10h

## REFERÊNCIA

AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In: **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018, p. 11-50.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v.8, n.1, 2000.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e Perspectiva Negra. **Revista Sociedade e Estado**. V.31, n.1, jan/abril 2016.

BITENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BOLDORINI, Marília Garcia; MEIRA, Roberta Barros. No Rastro da História das Mulheres: a biografia em discussão. **AEDOS**, v. 11, n. 25, p. 13-36, 2019.

CARVALHO, Juliéverson Messias de. Pensamento descolonial epistêmico e feminismo descolonial: notas para o desenvolvimento do conceito de 'sistema moderno/colonial de gênero'. **Anais Eletrônico do Congresso Epistemologias do Sul**. V.2, n.1, 2018.

COSTARD, Larissa. Gênero, currículo e pedagogias decoloniais: anotações para pensarmos as mulheres no Ensino de História. **Fronteiras e debates**, Macapá, v. 4, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2017.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O Ensino da História e os Estudos de Gênero na Historiografia Brasileira. **Revista: história e perspectivas**, Uberlândia (53): 295-314, jan./jun. 2015

COLLINS, Patrícia Hill. Raça, Classe e gênero como categoria de análise e reflexão. In: MORENO, Renata (org). **Reflexões e práticas de transformações feministas**. São Paulo: sempre viva organização feminista, 2018

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História oral**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2006.

\_\_\_\_\_; SILVA, Marcos Antônio da. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo.: Martins Fontes, 2013.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa** – Colômbia, Nº9, 75-101, jul./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

GOMES, Camila de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. Dossiê: Gênero e sexualidade. **Civitas**, Porto Alegre.v.18, n.1. p.65-82, jan/abr. 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** 80. Mar/jul 2008, p.115-147.

LUGONES, María. Rumo ao um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22, set/dez, 2014. p.935-952.

MACHADO, Débora; COSTA, Maria Luisa Walter; DUTRA, Delia. Outras epistemologias para os estudos de gênero: feminismos, interseccionalidade e divisão sexual do trabalho em debates a partir da América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisa sobre as Américas**, v. 12, n. 3, 2018

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial em significado de identidade em política. Tradução de Ângelo Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008. (Dossiê: Literatura, língua e identidade)

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marcos Oliveira. **RBCS**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, jun. 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005<sup>a</sup>, p.118-142.

-----Dom quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estud. Av.** São Paulo, v.19, n.55, 2005b, p.9-31.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes. **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81-91. Disponível em: <[https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2019.

\_\_\_\_\_. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. P. 205-222.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**, uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 2016.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O ensino da história e a invisibilidade da mulher. **Revista Ártemis**; João Pessoa Vol. 4.(2006). Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/f16733e136c54f2ee81f1cfe335c0d92/1?pqorigsite=gsc-holar&cbl=4708196> .Acesso: 02 de abr. 2021.